

**O OUTRO, UM CORPO ALEIJADO:  
GEOGRAFIA DA SOCIEDADE PATRIARCAL  
DO MENINO GRACILIANO, DE INFÂNCIA**

*Mônica Matos Anunção\**  
*Márcio Roberto Soares Dias\*\**

**RESUMO:**

*Infância*, um dos romances do corte biográfico (1945) de Graciliano Ramos, apresenta o desdobramento do estatuto do narrador, no campo da discursividade, no interior da narrativa. Objetiva-se apresentar o olhar analítico e observador do narrador do plano da enunciação. Primeiramente, o que a análise visa demonstrar é como o romancista usa esse olhar para trazer para o plano físico o desenrolar do processo de reificação a que é submetido o homem inserido na sociedade moderna e, em segundo lugar, como o romancista busca a compreensão do *outro* a partir da relação Homem e Sociedade e Homem em si mesmo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Compreensão; O *outro*; Sociedade.

**Da geografia de *Infância***

Graciliano Ramos goza de um lugar privilegiado na literatura brasileira. Esse espaço é marcado pela representação de um mundo cuja matriz é o traço de angústia peculiarizado pelas relações conflituosas do homem com o *outro* e com a natureza, fruto da tensão que se estabelece entre indivíduo e meio social. O complexo mundo existencial de seus personagens é, sem dúvida, agenciado pela a investigação interior. Em seus romances, o texto converte-se sempre num espaço ficcional dos exilados da modernidade em que a expulsão não implica estar do lado de fora, mas estar dentro dela. A poética da con-

---

\* Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do sudoeste da Bahia (Uesb).

\*\* Doutor em Letras pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Professor Titular da Uesb.

tensão e a matéria do romancear – os problemas sociais e os conflitos interiores –, comumente associados a sua obra como uma visão de mundo pessimista, parece estar em conformidade com as mudanças na forma como de conceber a vida no contexto da modernidade.

Para entendermos como Graciliano Ramos compõe o mundo de seus personagens, precisamos ater-nos as cenas em que desfilam a galeria de personagens. Escolhemos uma imagem de um dos espaços narrados em um dos seus livros do corte biográfico, *Infância* (1945), e algumas passagens do mesmo livro que evidenciam o conflito interior vivenciado pelo personagem, e também narrador, o menino Graciliano, no seio da sociedade patriarcal nordestina no início do século XX.

O flagrante da imagem e as ações dos personagens em si se constituem, nessa análise, como pontos secundários. Interessa-nos compreender as razões sociais e particulares que moveram algumas pessoas integrantes do mundo vivenciado pelo menino, transfigurados em personagens, a agirem da maneira como agiram. A cena que se descortina aos olhos do menino Graciliano ao chegar à vila de Buíque, descreve um espaço onde as relações sociais são marcadas geograficamente. Seu olhar sobre a sociedade buiquense ganha contornos de aleijão e seus membros são vistos como caricaturas dessa deformidade. Embora essa imagem pareça ser um evento marcante da narrativa, uma leitura atenta de *Infância* indica que, assim como os demais eventos narrados, ela não surgiu ao sabor da sorte, mas é formada por outro componente de proporção igualmente ampla, não obstante suas implicações menos fortuitas, a memória.

Em *Infância*, o escritor alagoano dá vida a um menino perdido na nebulosa do tempo. Apesar de ser um livro da série memorialística do autor, nele está presente a mesma postura de investigação da alma humana presente em suas ficções. A imagem antiga filtrada pela memória carrega a autoridade sempre hábil de retrair, com novo delineamento, o presente. No processo de escrita, a memória conduz a leitura do rememorante e Graciliano Ramos passa a ser personagem e narrador, e como autor de suas me-

mórias, está simultaneamente lendo-as, interpretando-as e registrando-as com o olhar do romancista.

Escrita na forma de relatos fragmentários, a narrativa perfaz a infância até o início da puberdade. Nos primeiros capítulos, os elementos da memória selecionados pelo escritor mostram imagens dos primeiros anos vividos numa fazenda no interior de Pernambuco. Em seguida, as experiências tristes como momentos de cegueira, dificuldades de aprendizagem das primeiras letras, uma relação conturbada com o pai autoritário e o convívio com pessoas da comunidade que influenciaram os primeiros anos de formação do menino são relatadas a partir de sua passagem pela vila de Buíque. Viçosa e Palmeira dos índios também foram palcos para as experiências frustrantes da criança que se perpetuaram.

Sua condição de mensageiro das condições econômicas e sociais não poderia estar presente nas lembranças de sua infância de outra forma, senão pela consciência da condição que exercia como romancista no cenário literário brasileiro. Diante dessa ressalva, é prudente considerarmos que mesmo que o narrador esteja sob a tutela do pacto autobiográfico e tenha vivido, ele mesmo, os fatos narrados deve-se acrescentar ao penoso esforço de recordar o distanciamento entre as condições histórico-materiais nas quais foram produzidos os fatos rememorados, e narrados ficcionalmente, e as condições histórico-materiais de produção do livro, pois se as instituições sociais não facultavam ao menino perceber-se como sujeito, imprimindo-lhe a sensação de desenvolver-se como um animal, o narrador/autor apropria-se de sua condição de romancista e expressa, esteticamente, a condição do menino Graciliano de *Infância*.

No entanto, esse distanciamento entre personagem e escritor na produção do romance autobiográfico foi magistralmente trabalhado pelo romancista e se constitui como uma questão central para a proposta de compreensão do livro como a que ora se escreve. A estrutura de *Infância* tem como pano de fundo o desdobramento do estatuto do narrador, no plano da discursividade, no interior da narrativa. Dois discursos se revezam no exercício de memória e perpassam pela relação entre memória, esquecimento e ficção. O

primeiro deles trata-se do discurso de um “eu menino”, a quem nomeamos de narrador menino, detentor de um discurso rancoroso do passado. No plano da enunciação, ganha corpo o discurso de um narrador intruso, denominado nesse texto de narrador estrangeiro – de caráter mais analítico e observador –, figurando como uma espécie de visitante do mundo narrado pelo narrador menino.

A análise da imagem de Buíque e das passagens do relacionamento do menino com alguns personagens visa a perscrutar as reflexões do narrador estrangeiro e suas implicações no esforço do romancista em trazer para o plano físico o desenrolar do processo de reificação a que é submetido o homem inserido na sociedade moderna e entendermos como o escritor busca compreender o *outro* a partir da relação Homem e Sociedade e Homem em si mesmo.

### Da geografia do corpo aleijado

As imagens construídas a partir da modulação entre mundo interior e mundo exterior em *Infância* são evocadas com a força das palavras, fruto da atividade literária. A propósito da imagem da vila de Buíque, apresentada na forma de corpo disforme, convém lembrarmos do distanciamento entre esses mundos e do julgamento acre do menino à comunidade de Buíque e, generalizando, à sociedade patriarcal nordestina. Em seu trabalho de investigador da memória, Graciliano Ramos associa as funções de historiador e poeta, compondo seu texto com uma percepção singular das coisas e sem renunciar o contexto histórico, seu objeto de registro e interpretação.

Na Buíque antropomorfizada o olhar crítico e observador do narrador estrangeiro sobre a sociedade e, sobre si mesmo, é lançado a partir das condições de vida do mundo vivenciado.

Buíque tinha a aparência de um corpo aleijado: o largo da Feira formava o tronco; a rua da Pedra e a rua da Palha serviam de pernas, uma quase estirada, a outra curva, dando um passo, galgando um monte; a rua da Cruz, onde ficava o cemitério velho, constituía o braço único, levantado; e a cabeça era a igreja, de torre fina, povoada de corujas. Nas virilhas, a casa de seu José Galvão resplandecia, com três fachadas cobertas de azulejos, origem do imenso

prestígio de meninos esquivos: Osório, taciturno, Cecília, enfezada, e D. Maria, que pronunciava garafa. Na cocha esquerda, isto é no começo da rua da Pedra, o açude da Penha, cheio das músicas dos sapos, tingia-se de manchas verde, e no pé, em cima do morro, abria-se a caminhada da Intendência. (I, p. 51)

Numa espécie de visada panorâmica, Buíque é metaforizada como um corpo aleijado. O resultado desse recurso estético é a sensação de que o romancista percorre os espaços públicos da vila como se captasse a geografia do espaço por dentro na tentativa de alcançar, além das aparências, o todo. O mapeamento não é somente da vila, mas também da sociedade provinciana do início do século XX. Graciliano Ramos projeta na imagem do corpo disforme os hábitos, a mentalidade e os preconceitos dos moradores da vila, descortinando as relações de poder da sociedade patriarcal e a inércia da vida de seus moradores. A igreja de Padre João Inácio, não por um acaso, localizava-se na cabeça e servia de pouso para as corujas que velavam seu entorno, onde as notícias corriam. Os órgãos administrativos da vila convergiam para o tronco, no largo da Feira, e, próximo a ele, nas virilhas, residia a camada de maior prestígio social.

Seguindo a anatomia do corpo humano, no plano baixo localizavam-se as ruas da Palha e da Pedra. Nesses logradouros, fixavam os estabelecimentos comerciais que atendiam aos moradores daquela localidade como os professores, dos quais o desprestígio se evidenciava tanto do ponto de vista social como espacial e economicamente. Dona Maroca, por exemplo, era professora particular e morava na rua da Palha. Embora apresente certa superioridade em relação ao demérito do professor da escola pública, a profissão e a localização de sua residência demonstravam que a estrutura geográfica da pacata vila do interior nordestino revelava, no início do século XX, as relações de poder daquela sociedade patriarcal. Os adjetivos “velho”, “desleixado”, “quinca”, “matuto”, “preguiçoso” e “desfigurado”, empregados pelo romancista para descrever os membros de menor prestígio social da sociedade buiqueense passam a ser incorporados ao espaço.

A metáfora da urbe, empregada para examinar e decompor as ruas, os becos e as praças ganha corpo e feições de aleijão, justamente por não ter um terreno mental fértil às

mudanças de comportamento e pensamento modernos. Próximo à igreja de padre João Inácio os moradores da vila discutiam os acontecimentos políticos passados e recentes como ocorrências simultâneas: “Debatiam Canudos, a revolta da armada e a guerra do Paraguai como acontecimentos simultâneos. A República, no fim do segundo quadriênio, ainda não parecia definitivamente proclamada. Realmente não houvera mudança na vila.” (I, p. 54). Considerando-se o comportamento e pensamento dos membros daquela sociedade, notamos nela algo de similar à mentalidade da sociedade brasileira semicolonial<sup>1</sup>, na qual o homem se vê preso a uma vida ordinária e a um “pequeno mundo”. Nessa circunstância, os dramas humanos desenvolvem-se, as relações afetivas se constituem, amoldando as especificidades da sociedade brasileira desse período.

Para Carlos Nelson Coutinho (1978, p. 76), o capitalismo no Brasil teve sua força atenuada em relação a outras partes do mundo, uma vez que o capitalismo brasileiro fortaleceu o isolamento do indivíduo e o distanciou de uma “mesquinha vida privada”. Circunscrito ao “pequeno mundo”, os membros dessa sociedade encontravam-se desconfortáveis ao mesmo tempo em que outros membros que dela faziam parte visualizavam, no rompimento das amarras, uma forma de descobrir uma autêntica comunidade humana. Graciliano Ramos se revela entre os que violam essa prisão, pois sua posição de romancista não deixa de ser uma condição libertadora.

A imagem da vila antropomorfizada nos direciona ao sentido etimológico da palavra antropomorfia: “imagem do homem”. A imagem pode ser constituída isoladamente pelos indivíduos e também ser uma construção coletiva, formada por uma série de entidades representativas de um momento histórico e de uma cultura. De maneira alguma, o estatuto de ficção do texto graciliano, relacionado à esfera da memória do romancista, está restrito aos artistas e escritores de textos ficcionais.

---

<sup>1</sup> Para efeito de esclarecimento, consideramos como sociedade semicolonial a sociedade brasileira do final do século XIX a início do século XX, na qual o capitalismo não promoveu uma transformação social revolucionária que pudesse desenvolver “um grande mundo democrático” (COUTINHO, 1978, p. 76).

Em *A memória coletiva* (1990), Maurice Halbwachs apresenta o conceito de memória coletiva a partir da relação entre o sujeito e as coisas lembradas. Conforme explica Halbwachs, a existência da memória individual está entrelaçada à memória coletiva, em face de todas as lembranças se constituírem no interior de um grupo. A memória individual sofre uma combinação de influências de natureza social: “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que eu ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.” (HALBWACHS, 1990, p. 51). Isto equivale a dizer que os indivíduos recordam como membros de grupos, sendo a memória individual um ponto de vista da memória coletiva. A lembrança é, assim, uma imagem composta por elementos que estão ao nosso dispor, no momento da rememoração, no conjunto de representações incutidas em nossa consciência no momento da rememoração.

Nas linhas de *Infância*, a realidade não se apresenta efetivamente, mas Graciliano Ramos produz um efeito a partir das expressões discursivas sobre ela. Em sua percepção da realidade está presente uma intersecção com os campos de conhecimento da cultura na medida em que o narrador estrangeiro é portador de concepções e valores transmitidos pela experiência individual e coletiva. Tomemos como exemplo o uso deliberado do adjetivo “aleijado”: culturalmente, esse adjetivo carrega consigo uma carga semântica depreciativa, partilhada por grande parte dos membros da sociedade. Por conseguinte, a crítica à Buíque revisitada faculta-lhe atingir esteticamente a sociedade patriarcal e provinciana. Soma-se à aproximação da imagem do corpo aleijado outras esferas como as relações de poder, a educação, o preconceito e a intolerância às diferenças que também são atingidas. Graciliano Ramos estabelece sob o amparo das formulações culturais os elementos estruturais da narrativa e, como escritor realista empreendedor de um fazer literário transformador da realidade social, emprega procedimentos artísticos motivadores de ações político-sociais, sem que com isso seja obrigado a impor limites à sua imaginação criadora.

No mapa comportamental dos moradores da vila o romancista avalia a mesma comunidade com o olhar mais condescendente, como se procurasse entender as razões

pelas quais os membros daquela sociedade detinham certos comportamentos. Consciente de que as instituições sociais exerceram sobre si algumas influências, eventualmente, essa percepção de simpatia do romancista retrocede, condenando as pessoas e os acontecimentos do passado. Podemos afirmar, portanto, que o escritor assume os conflitos interiores com o mundo – conflitos estes comuns aos personagens ficcionais gracilianos. A descrição da vida dos personagens seu Afro e d. Maroca indica a presença de um eu cindido no momento da escrita do livro. Esses personagens eram moradores do Cavalomorto, zona “imprópria” da vila, e tinham uma relação incomum para aquela época, pois viviam juntamente com um compadre do casal. Essa relação era vista como uma transgressão à ordem social, deixando seu Afro e sua esposa à mercê de comentários maldosos e de gestos obscenos dos moradores da vila. Apesar do menino não compreender o julgamento severo investido contra o casal, também o absorveu e, de tão arraigados, os preconceitos morais daquela sociedade patriarcal os acompanhou até a fase adulta.

Contudo esse julgamento absurdo acompanhou-me. Fixou-se. Ganhrou raízes. Indigno-me, quero extirpá-lo, reabilitar seu Afro e d. Maroca. Duas pessoas normais. Penso assim. E desprezo-as sintosas decaídas. Impossível deixar de senti-las decaídas. Repito mentalmente os desconchavos de padre João Inácio. (1, p. 58)

Na passagem em análise, os verbos “acompanhou-me” e “fixou-se” conferem à memória o caráter social. Os verbos do presente do indicativo delimitam a posição do narrador estrangeiro e, implicitamente, a posição do romancista que, maduro, põe-se a analisar racionalmente o evento passado em sua infância, possivelmente numa tentativa de desarraigar de si os traços de preconceito consubstanciados com um tempo e um lugar que insistem em permanecer em sua alma. A sobrevivência de valores antigos e renitentes os quais as experiências históricas, culturais e existenciais não conseguiram apagar perdura em sua memória.

Para Márcio Roberto Soares Dias (2009), de um modo geral, a modernização do panorama arquitetônico e os avanços tecnológicos em cidades como Belo Horizonte não implicava numa correspondência entre as formas modernas e uma possível modernidade



cultural. Em sua análise da poesia drummondiana produzida na década de 1960, Dias observa que a mudança na forma de pensar e no comportamento dos moradores da Belo Horizonte daquele período foi apenas epidérmica: “Porém, a paisagem espiritual ou mental da sociedade belo-horizontina, profundamente provinciana, ergue-se em direção contrária à indicada pelo panorama arquitetônico da cidade”. (DIAS, p. 27).

Os moradores da vila, Seu Afro e d. Maroca, são, simultaneamente, agentes e vítimas da própria transgressão. Conforme Dias, até mesmo nas cidades onde as formas modernas evidenciavam o convite à exteriorização dos ímpetos individuais, o pensamento predominante da sociedade dos primeiros decênios do século XX reprimia qualquer forma que levasse à satisfação dos desejos impedidos, sobretudo o desejo sexual. Talvez por isso, o sentimento do narrador estrangeiro parece ser o de culpa. Não somente porque os preconceitos estavam latentes no momento da rememoração, mas também porque o romancista parece não conseguir livrar-se deles. Cumpre observarmos que ao escrever os capítulos de *Infância*, Graciliano Ramos vivia na cidade do Rio de Janeiro. O processo de modernização já havia se instalado nessa capital naquele momento, mas os longos anos vividos em Buíque, Pernambuco, e Viçosa e Palmeira dos índios, em Alagoas, ainda influenciavam a maneira de pensar e o comportamento do escritor, pois nessas cidades os sinais de modernização demoravam a chegar e a mentalidade provinciana prevalecia acima dos hábitos mais modernos.

A dualidade entre o menino de *Infância* e o narrador estrangeiro se liga de forma significativa ao traço da escrita graciliana, relacionada à experiência de vida e a percepção do Humano do romancista. Para Graciliano Ramos, a descrição exaustiva e o canto à nação não condiziam mais como a melhor solução estilística porque o debate sobre o moderno, no panorama literário daquele momento, excedia o campo estético e artístico uma vez que o processo de reestruturação do Estado influenciou os circuitos intelectual e simbólico, permeando a produção artística e cultural brasileira da época.

O romancista tentou afastar-se dos preceitos modernistas da arte no Brasil. Mas parece-nos que no projeto literário do autor de *Vidas secas* havia o desejo do engajamento

da arte no contexto histórico social. Em *Caetés*, primeiro romance do escritor, o naturalismo descritivo ocupa grande espaço na estrutura romanesca; já em *São Bernardo* nota-se uma estrutura mais fechada, sem uma descrição excessiva do real e com a incorporação da crônica social. Essa característica de *São Bernardo* é levada a cabo pelo romancista nos livros posteriores nos quais a subordinação do mundo exterior ao drama interior de seus personagens reflete o amálgama entre problemas sociais e a investigação interior.

A mudança quanto à estrutura romanesca está relacionada ao amadurecimento de Graciliano Ramos. Entre a escrita de *Caetés* e a produção de *São Bernardo*, o romancista vivenciou a Revolução de 1930. Conforme explica Nelson Coutinho (1978), as circunstâncias que envolveram esse evento histórico ajudaram-no a ampliar sua visão das forças sociais em choque na realidade brasileira, levando-o a participar ativamente da vida social e política do país; enfim, fazendo-o passar da *observação* à *participação* na história. Essa passagem marca a transição do naturalismo pessimista ao realismo crítico e humanista. Se o olhar *observador* restringe a utilização de critérios seletivos capazes de notar o que é fundamental para a compreensão do real, o olhar *participativo* percebe o que essencial para captar o real e também as forças impulsoras determinantes da realidade. A representação da realidade conflitiva na obra graciliana deixa, portanto, de ser formulada apenas no nível temático como a educação patriarcal em *Infância*, a reificação em *São Bernardo* ou a seca em *Vidas secas*.

No romance autobiográfico em análise, por exemplo, o olhar crítico do narrador estrangeiro serve de testemunho e documentação das forças resultantes das repressões impostas pelo processo de modernização do Brasil. Essa posição favorece a construção de uma memória coletiva, como na imagem da vila de Buique em que o mapa conceitual e representativo traçado pelo romancista, a partir do corpo aleijado, é um meio de reflexão sobre o pensamento da sociedade nordestina do início do século XX e, também, de busca interior do eu estrangeiro pela compreensão do *outro* e de si mesmo.

## Da geografia do *outro*

Em *Infância* o contato com o *outro* serve como *le motive* para a reflexão. Ao longo dos capítulos de *Infância* é possível perceber uma crescente presença do eu estrangeiro nos eventos narrados. A censura às instituições sociais e ao comportamento dos moradores da vila e os momentos de análise interior ocupam um espaço maior na mesma proporção em que o personagem menino Graciliano cresce fisicamente. Essas reflexões sobre a duplicidade da natureza humana e sobre as atitudes senhoriais da educação nordestina deixam transparecer o desejo do eu estrangeiro de compreender as razões que levavam certos indivíduos, transfigurados em personagens, a afligir o menino.

É interessante observar como Graciliano Ramos insere os pais do personagem o menino Graciliano no contexto da modernidade e, mais especificamente, no nordeste brasileiro do início do século XX, espaço onde foram explorados os dramas da família retirante de *Vidas secas* e de outros personagens dos romances do escritor. As mudanças da família da fazenda para Buíque e, em seguida, para Viçosa e Palmeira dos índios ocorreu em decorrência da instabilidade econômica do seu pai, sobrevinda pela seca. Numa passagem do capítulo “Verão” o menino Graciliano observa desânimo do pai de família frente às condições naturais do lugar onde vivem. O recolhimento da tirania da figura paterna não é suficiente para convencer o narrador estrangeiro do poder socialmente concedido a um pai: “Hoje acho naturais as violências, que cegavam (o pai). Se ele estivesse embaixo, livre de ambições, ou em cima, na prosperidade, eu e o moleque José teríamos vivido em sossego (I, p. 31).

No capítulo “O cinturão” ocorre algo semelhante. O início do capítulo se dá mediante a reavaliação do narrador estrangeiro sobre um episódio em que a mãe do menino Graciliano surra o filho. Graciliano Ramos elege como discurso uma visão social da ação da mãe, atribuindo a culpa pelos ferimentos aos nós da corda que ferira a criança e não à ação consciente da mãe: “Irritada, ferira-me à toa, sem querer. Não guardei ódio a minha mãe: o culpado era o nó. Se não fosse ele, a flagelação me haveria causado menor estrago. E estaria esquecida” (I, p. 34).

No mesmo capítulo, uma cena similar a anterior proporciona ao narrador estrangeiro refletir sobre a surra que o menino Graciliano levava do pai pelo sumiço de um cinturão. O romancista, num lance de compreensão, imputa a culpa pelas dolorosas vergastadas ao papel social do pai: “Talvez as vergastadas não fossem muito fortes: comparadas ao que senti depois, quando me ensinaram a carta de A B C, valiam pouco.” E continua: “Certamente meu choro, os saltos, as tentativas para rodopiar na sala como carrapeta, eram menos um sinal de dor que a explosão do medo reprimido” (I, p. 36). Observemos que o menino Graciliano parece se sentir órfão, não do ponto de vista biológico, mas afetivo. Esse sentimento é manifesto na sequência da narrativa do capítulo em análise quando o narrador menino descreve o estado embaraçoso da figura paterna ao encontrar, depois das chicotadas, o cinturão na rede em que deitara. Embora fizesse a menção de dirigir-se ao filho para reconhecer o erro, o pai recolheu-se. Novamente, o narrador estrangeiro procura compreender as razões sociais e particulares que fizeram com que o pai do menino agisse da maneira como agiu: “Pareceu-me que a figura imponente minguava – e a minha desgraça diminuiu. Se meu pai se tivesse chegado a mim, eu o teria recebido sem o arrepio que a presença dele sempre me deu” (I, p. 37).

A distância da figura paterna em relação ao filho parece simbolizar uma espécie de perda e manifesta certa solidão e isolamento do menino Graciliano; mas não são sentimentos exclusivamente seus. Ao mesmo tempo em que o papel desempenhado pelo pai naquela sociedade patriarcal conferia-lhe autoridade como chefe de família, o mesmo papel o condenava a privar-se do afeto. Entretanto, o adulto, sob o olhar do narrador estrangeiro, é capaz de compreender que a autoridade paterna estava subordinada aos papéis sociais e, como tal, deveria determinar o comportamento daqueles que estavam sob sua guarda.

Chico Brabo é um dos personagens cujo comportamento o intrigara. Pessoa amável e solidária, o vizinho da família do menino Graciliano tratava seu ajudante João aos gritos, além de surra-lo constantemente. Enquanto o menino Graciliano não compreendia o desdobramento da personalidade de Chico Brabo que, depois das surras, agia soli-

dariamente com os vizinhos como se nada tivesse acontecido, o Graciliano adulto, sob a ótica do narrador estrangeiro, justifica o comportamento de Chico Brabo alegando que o homem não tinha a quem distribuir seus desconchavos e a quem pedir subserviência.

É possível perceber que o mesmo desejo de compreensão do romancista para com seu Afro e d. Maroca e para com os pais do menino Graciliano se estende a Chico Brabo e a outros personagens apresentados ao longo dos capítulos de *Infância*. Nesse romance autobiográfico, a compreensão é um produto da relação que questiona a diferença do próximo. Da mesma maneira que seus personagens procuram compreender sua condição na história, Graciliano Ramos, ao compor suas memórias da infância, busca a compreensão do *outro* e de si mesmo.

### **Das considerações finais**

*Infância* apresenta os fragmentos de memória dos quais extraem-se os cernes da vivência traumática da infância de um menino que se estende à coletividade. Graciliano Ramos, adulto e maduro, captou bem das circunstâncias específicas da condição na História dos membros da sociedade em que viveu e, numa postura humana, apossou-se do conhecimento do *Outro* numa busca pela compreensão de si mesmo e das pessoas que o afligiram. Consciente de que entre o autor e o menino Graciliano há um abismo existencial e temporal transposto somente pelo manejo da palavra-imagem, palavra esta capaz de promover um retorno simbólico do romancista ao mundo de sua infância, Graciliano Ramos passa do ressentimento à compreensão. Nesse sentido, *Infância* está em harmonia com o conjunto de sua obra na medida em que a natureza moral e a investigação interior, que fundamentam a experiência histórica e individual de seus personagens, compõem um quadro do problema da angústia do homem moderno e sua conflituosa relação com o meio.

## THE OTHER, A CRIPPLED BODY: GEOGRAPHY OF YOUNG BOY GRACILIANO'S PATRIARCHAL SOCIETY, FROM *INFÂNCIA*

**ABSTRACT:** *Infância*, one of the biographical novels (1945) by Graciliano Ramos, presents the unfolding of the narrator's status in the field of discursivity within narrative. One aims to present the enunciation plan narrator's analytical and observant look. First, the analysis attempts to demonstrate how the novelist uses that look in order to bring into the physical plan the unfolding of the reification process to which man inserted into modern society is submitted, and, secondly, how the novelist seeks to understand the other from the relationship between Man and Society and Man inside himself.

**KEYWORDS:** Understanding; The other; Society.

### Referências

ANUNCIACÃO, Mônica Matos. *Entre nuvens e ruínas da memória: o sentido do humano em Infância e São Bernardo*. 2012. Dissertação (MESTRADO) – Universidade Estadual da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, Vitória da Conquista, 2012.

COUTINHO, Carlos Nelson. Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia (org.). *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p.73-122.

DIAS, Márcio Soares Dias. *Os espaços móveis da memória na poesia de Carlos Drummond de Andrade*. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

*Recebido em 28/07/2014.  
Aprovado em 16/09/2014.*